

KATJA PETROWSKAJA

Talvez Esther

Tradução
Sergio Tellaroli



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Suhrkamp Verlag, Berlin

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

O tradutor agradece o apoio da Fundação Robert Bosch (Robert Bosch Stiftung) e do Colégio Europeu de Tradutores (Europäischer Übersetzer-Kollegium, eÜK). *Talvez Esther* foi traduzido entre os meses de abril e junho de 2015 no Colégio Europeu de Tradutores de Straelen, na Alemanha.

Título original
Vielleicht Esther

Foto de capa
Eugene Shimalsky

Preparação
Mariana Delfini

Revisão
Márcia Moura
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Petrowskaja, Katja
Talvez Esther / Katja Petrowskaja ; tradução Sergio
Tellaroli. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Le-
tras, 2019.

Título original: Vielleicht Esther.
ISBN 978-85-359-3056-6

1. Avós – Ficção 2. Famílias – História – Ficção 3.
Holocausto judeu (1939-1945) – Ficção I. Título.

17-11580

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura alemã 833

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Louvado seja o Google, 7

1. Uma história exemplar, 15

2. Rosa e os mudos, 41

3. Minha bela Polônia, 75

4. No mundo da matéria não organizada, 116

5. Babi Yar, 150

6. Deduchka, 185

Cruzamento, 232

Agradecimentos, 235

Créditos das ilustrações, 237

Louvado seja o Google

Eu preferiria não ter de começar minhas viagens aqui, na desolação que circunda a estação ferroviária e que ainda e sempre dá testemunho da devastação desta cidade, uma cidade que, no curso de batalhas vitoriosas, foi bombardeada e arruinada a título de retaliação, ou assim me parecia, porque foi a partir daqui que se conduziu a guerra que por toda parte provocou mil vezes mais devastação, uma interminável guerra-relâmpago sobre rodas de ferro e com asas de ferro. Mas isso faz tanto tempo que, de lá para cá, a cidade se tornou uma das mais pacíficas do mundo e hoje promove essa paz de maneira quase agressiva, como uma forma de lembrar a guerra.

A estação foi construída há pouco tempo no centro da cidade e, a despeito da paz, é inóspita, como se encarnasse perdas que trem nenhum é capaz de alcançar e recuperar, um dos lugares mais inóspitos de nossa Europa unida a torto e a direito e tão limitada, um lugar em que sempre sopra uma corrente de vento e onde o olhar descortina desolação, sem que lhe seja dada

a oportunidade de se deter num emaranhado urbano, de pousar e repousar em alguma coisa antes de partir deste vazio no meio da cidade que governo nenhum é capaz de preencher, nem com edificações generosas, nem com boas intenções.

Também dessa vez soprava uma corrente de vento enquanto, de pé na plataforma, eu tornava a tatear com os olhos as letras sob o arco do teto abobadado — *BOMBARDIER Bem-vindo a Berlim* —, sentindo seus contornos, enfadada mas, de novo, perplexa com as impiedosas boas-vindas. Soprava uma corrente de vento quando um senhor de idade se aproximou e me perguntou o que era aquele Bombardier.

Pensa-se logo em bombas, ele me disse, na artilharia, naquela guerra horrível, incompreensível, e por que justamente Berlim, aquela cidade bonita, pacífica, bombardeada, consciente daquilo tudo, saudava as pessoas daquela maneira? Não era possível que justo Berlim bombardeasse, por assim dizer, um recém-chegado como ele com aquela palavra escrita em letras maiúsculas, e o que significavam aquelas boas-vindas: quem, exatamente, haveria de ser bombardeado ali, e com quê? Ele tinha urgência de obter uma explicação, porque já estava de partida. Respondi, um pouco espantada com o fato de minha voz interior se dirigir a mim sob a forma de um senhor de idade, de olhos negros e sotaque norte-americano, um senhor esbaforido e cada vez mais agitado, lançando-me perguntas quase desenfreadamente, e perguntas sobre as quais eu própria já refletira centenas de vezes — *play it again*, pensei, mergulhando cada vez mais nelas, na extensão daquelas perguntas na plataforma da estação, e então respondi que também eu logo pensava na guerra, que não era, portanto, questão de idade, que eu, aliás, pensava na guerra o tempo todo, sobretudo ali, naquela que era sempre uma estação de passagem, jamais destino final de trem algum, não havia por que se preocupar, pensei comigo, as

pessoas sempre seguiam adiante, e ele não era o primeiro a se fazer, ou a me fazer, aquela pergunta. Eu ia ali com demasiada frequência, pensei brevemente, talvez eu fosse um *стрелочник*, *strelotchnik*, um guarda-chaves, e o guarda-chaves era sempre o culpado, mas só em russo, pensei, enquanto o velho dizia: *My name is Samuel, Sam.*

Então contei a ele que *Bombardier* era um musical francês que estava fazendo sucesso em Berlim, muitas pessoas vinham à cidade por causa dele, imagine o senhor, só por causa daquele *Bombardier*, que tinha por tema a Comuna de Paris ou algo assim, do passado, agora com duas diárias de hotel e musical, tudo incluído, já tinha havido até um problema pelo fato de a estação ferroviária central anunciar aquele *Bombardier* numa palavra só, sem nenhum comentário, saíra no jornal, eu disse, lembrava-me bem, disse, escreveram que a palavra suscitava falsas associações, aliás a briga da cidade com o musical fora até parar na Justiça, linguistas haviam sido convocados, veja o senhor, para examinar o potencial de violência da palavra, mas o tribunal decidira em favor da livre propaganda. Eu acreditava cada vez mais no que dizia, embora não tivesse a menor ideia do que era e de onde vinha aquele *Bombardier* no teto abaulado da estação; a história que eu contava tão entusiasmada e imprudentemente, e que jamais caracterizaria como mentira, me dava asas, e eu voava cada vez mais alto, sem o menor medo de cair, subia pela espiral daquele veredicto jamais proferido, porque quem não mente não pode voar.

Para onde a senhora vai?, o velho me perguntou, e eu lhe contei tudo sem pestanejar, com o ímpeto de quem estava prestes a condenar outro musical. Contei sobre a cidade polonesa da qual meus antepassados haviam partido para Varsóvia fazia cem anos, e, de lá, mais para o leste, talvez apenas para me legar a língua russa, que agora, muito generosamente, não transmito

a ninguém, *dead end*, portanto, fim; por isso precisava ir, disse a ele, estava de partida para uma das cidades mais antigas da Polônia, onde aqueles meus antepassados, de quem ninguém sabia coisa nenhuma, nem uma única passagem, tinham vivido duzentos, trezentos ou mesmo quatrocentos anos, talvez desde o século xv, quando os judeus da tal cidadezinha polonesa haviam recebido suas permissões e se tornado os vizinhos, os outros. *And you?*, Sam me perguntou. Respondi que eu também era judia, mas por acaso.

Estavam à espera do mesmo trem, contou-me Sam após breve pausa. Ele e a mulher também iam pegar o Expresso de Varsóvia, que agora, ao surgir da neblina, mais parece um puro-sangue, um trem expresso que, embora cumpra o horário, avança contra o tempo, rumo ao tempo Bombardier, *for us only*, pensei. E o velho prosseguiu, contou-me que sua esposa estava em busca da mesma coisa, isto é, do mundo da avó dela, que emigrara de uma pequena aldeia bielorrussa nas proximidades de Biała Podlaska para os Estados Unidos, aldeia que não era sua terra natal nem a da mulher, aquilo já fazia cem anos e várias gerações, nenhum deles nem sequer falava a língua, mas Biała Podlaska soava para ele como uma *forgotten lullaby*, sabia Deus por quê, uma chave para o coração, disse, e o nome da aldeia era Janów Podlaski, onde, àquela época, quase só moravam judeus, mas hoje só moravam os outros; e os dois viajariam para lá para conhecer o lugar, e (ele, de fato, repetia sem parar esse *e*, como se tropeçasse num obstáculo), claro, não havia sobrado nada — *claro e nada* ele disse para enfatizar a falta de sentido daquela sua jornada, eu também digo *claro* e até mesmo *naturalmente* com muita frequência, como se esse desaparecimento, esse nada, fosse claro ou natural. Mas a paisagem, o nome dos lugares e um haras de criação de cavalos árabes existente desde o começo do século xix, fundado depois das Guerras Napoleôni-

cas e endereço obrigatório em círculos especializados, seguiam existindo, os dois me contaram: tinham procurado no Google. Um cavalo daqueles podia custar um milhão de dólares, Mick Jagger já havia examinado animais daquele haras num leilão, e seu baterista tinha comprado três. E agora estavam indo até lá, a cinco quilômetros da fronteira com Belarus, louvado seja o Google. O lugar tinha até um cemitério para cavalos; não, o cemitério judeu não existia mais, também isso estava na internet.

I'm a Jew from Teheran, disse o velho ainda na plataforma, Samuel é meu novo nome. De Teerã parti para Nova York, prosseguiu Sam, que sabia aramaico, tinha estudado muita coisa e sempre viajava com seu violino. Na verdade, tinha ido aos Estados Unidos para estudar física nuclear, mas se inscrevera no conservatório, não passara no exame de admissão e se tornara funcionário de banco, o que também já deixara de ser. Quando estávamos sentados no trem, e o arco-íris metálico *BOMBARDIER Bem-vindo a Berlim* já não pesava sobre nossas cabeças, sua esposa contou que, passados cinquenta anos, tanto fazia se o marido tocava Brahms, Vivaldi ou Bach: tudo soava como música iraniana. E ele me disse que aquele nosso encontro era obra do destino, eu era parecida com as mulheres iranianas de sua infância — quis dizer com as mães iranianas, ou talvez tenha querido dizer até mesmo *com minha mãe*, mas se conteve —, e acrescentou que era também coisa do destino que eu entendesse mais do que eles de pesquisa genealógica e que, naquele mesmo trem e com o mesmo propósito, viajasse para a Polônia — se era que se podia chamar de “propósito” a ânsia de sair em busca do que havia desaparecido, retorqui. E não, não era destino, continuei, porque o Google velava por nós como Deus: quando procuramos alguma coisa, o que ele nos dá são sempre ecos daquilo que buscamos, da mesma forma como, tendo comprado uma impressora pela internet, seguimos vendo por muito tempo

ofertas de impressoras, ou, quando compramos uma mochila escolar, recebemos durante anos a fio propagandas de mochilas, isso para nem falar na busca por parceiros amorosos, e quando procuramos nosso próprio nome no Google, até mesmo nossos homônimos desaparecem com o tempo, fica *only you*, como se, tendo a gente torcido o pé e começado a mancar, a cidade inteira de repente começasse a mancar também, talvez por solidariedade, milhões de mancacos formando um grupo, quase a maioria, como era que uma democracia podia funcionar se só obtínhamos o que buscávamos, se éramos apenas o que procurávamos, jamais nos sentindo sozinhos, ou antes sempre sozinhos, porque nunca tínhamos oportunidade de encontrar os outros? Assim era também com a busca na qual deparávamos com gente parecida conosco, Deus googla nossos caminhos para que a gente não saia dos eixos; eu vivia encontrando pessoas que procuravam o mesmo que eu, prossegui, e aquele era o motivo pelo qual tínhamos nos encontrado ali. O velho, porém, disse que precisamente aquilo era destino. Na exegética, era evidente que ele estava num estágio mais avançado que o meu.

De repente me lembrei do musical que, anos atrás, fez verdadeiro furor por aqui, quando, nas propagandas pela cidade, víamos as palavras *Les Misérables* sem nenhum comentário, ao contrário do filme, cujo subtítulo alemão era “Prisioneiros do destino”. O musical se dirigia a todos com aquele *les misérables*, como se necessitássemos de constante consolo — ah, pobrezinho! —, ou como se apontasse para o fato de que não apenas um indivíduo isolado, e sim todos nós nos reencontramos na miséria, unidos por ela; sim, porque diante daquelas letras gigantes, diante da desolação bem no meio da cidade, somos todos miseráveis: não apenas os outros, eu também. Assim é que as letras daquele Bombardier no arco do teto abobadado da estação

nos enchem de seu eco da mesma forma que a música do órgão preenche a igreja: ninguém logra escapar.

E foi então que procurei de fato no Google: Bombardier era uma das maiores fabricantes mundiais de trens e aviões, e essa Bombardier que determina nossos caminhos havia lançado fazia pouco tempo a campanha *Bombardier YourCity* — rápido e seguro. E agora lá íamos nós no Warszawa Express de Berlim à Polônia, com a bênção da Bombardier e cercados de cortinas e guardanapos com insígnias exibindo as letras WARS, uma sigla tão fora de moda e antiquada como Star Wars e outras guerras do futuro.

1. Uma história exemplar

ÁRVORE GENEALÓGICA

Um pinheiro ergue-se solitário.

Heinrich Heine

No começo, eu achava que uma árvore genealógica era algo assim como um pinheiro, uma árvore da família toda, adornada com enfeites tirados de caixas velhas, muitas bolas se quebram, frágeis como são, alguns anjos são feios e robustos, capazes de resistir a todas as mudanças de endereço. De todo modo, um pinheiro era a única árvore que minha família possuía; todo ano comprávamos um e, depois, na véspera do meu aniversário, nós o jogávamos fora.

Eu achava que bastaria contar a história dessas poucas pessoas que por acaso eram meus parentes e pronto: já teria a história completa do século xx na palma da mão. Alguns de meus

familiares nasceram para seguir suas vocações, na crença óbvia, ainda que jamais declarada, de que iriam consertar o mundo. Outros como que caíram do céu, jamais deitaram raízes, correndo de um lado para outro sem nem tocar o chão, pairando no ar qual uma pergunta, como um paraquedista que se enrosca numa árvore. Na minha família tinha de tudo, pensava eu, pretensiosa, um camponês, muitos professores, um provocador, um físico e um poeta. Mas, acima de tudo, lendas.

Nela havia

um revolucionário que se juntou aos bolcheviques e, na clandestinidade, mudou seu sobrenome para este que, dentro da mais completa legalidade, carregamos há quase um século

vários trabalhadores de uma fábrica de sapatos de Odessa, sobre os quais nada se sabe

um físico que dirigia uma fábrica experimental de turbinas em Carcóvia e que desapareceu durante os Expurgos; seu cunhado foi incumbido de pronunciar o veredicto, porque fidelidade ao Partido se media pela disposição para sacrificar os próprios parentes

um herói de guerra chamado Gertrud, marido da minha tia Lida, que nasceu à época em que o país declarou o trabalho um fim em si mesmo; de início, todos trabalhavam muito, depois passaram a trabalhar demais e, por fim, mais ainda, porque os exemplos substituíram as normas, e o trabalho é que nos dá sentido na nação dos proletários e super-homens, razão pela qual, ao nascer, meu futuro tio recebeu o nome de Geroi Truda, herói do trabalho, ou, abreviado, Gertrud

e também Arnold, Oziel, Zygmunt, Micha, Maria, Talvez Esther, talvez uma segunda Esther e a sra. Siskind, uma aluna surda-muda de Oziel que confeccionava roupas para a cidade inteira

muitos professores, que fundaram orfanatos por toda a Europa e ensinavam crianças surdas-mudas

Anna e Liolia, que jazem em Babi Yar, e todos os outros ali

um fantasma chamado Judas Stern, meu tio-avô

um pavão, que, por sua beleza, meus avós compraram para as crianças surdas-mudas

uma Rosa e uma Margarita, minhas avós-flores

Margarita recebeu a recomendação para ingressar no Partido em 1923 diretamente de Molotov, o futuro ministro soviético das Relações Exteriores, ou pelo menos é o que se conta na família, como se isso fosse indício de que sempre estivemos no centro dos acontecimentos

minha avó Rosa, que tinha o nome mais belo entre todas as logopedistas e que esperou pelo marido por mais tempo que Penélope

meu avô Vassili, que foi para a guerra e só voltou para minha avó Rosa quarenta e um anos depois. Ela nunca perdoou sua longa peregrinação, mas — e, em minha família, alguém sempre diz “mas”, portanto mas, disse esse alguém, eles se beijaram na banca ao lado da estação do metrô, isso quando os dois já haviam

passado dos setenta e o Hotel Turist estava sendo construído; segundo minha mãe, porém, àquela altura o avô nem podia mais sair de casa e o Hotel Turist só seria construído mais tarde

meu outro avô, o revolucionário, que não apenas mudara seu sobrenome como também, a cada formulário soviético que preenchia, atribuía novo nome à própria mãe, em consonância com as exigências da época, do trabalho e com suas próprias preferências literárias, até chegar a Anna Arkádievna, que é como se chamava Anna Kariênina, que assim se tornou minha bisavó

Éramos felizes, e tudo em mim contradizia as palavras que Liev Tolstói nos legou, aquelas segundo as quais todas as famílias felizes se parecem, e cada família infeliz é infeliz à sua maneira, palavras que nos conduziam a uma armadilha e despertavam o pendor para a infelicidade, como se só valesse a pena falar da infelicidade, e vazia fosse a felicidade.

NÚMEROS NEGATIVOS

Meu irmão mais velho me ensinou os números negativos, falava de buracos negros como quem apresenta um modus vendi. Criou para si um universo paralelo, no qual permaneceu para sempre inalcançável; a mim, restaram os números negativos. A única prima de cuja existência sabia à época, eu mal via, menos ainda que sua mãe, Lida, a irmã mais velha de minha mãe. Em raras visitas, meu austero tio, irmão mais velho de meu pai, propunha-me problemas de física relacionados ao moto-perpétuo, como se coubesse ao movimento incessante encobrir a ausência dele em nossas vidas. Minhas duas babuchkas moravam conosco, mas não estavam propriamente presentes: eu